



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 12

Estratégias Econômicas em
Diálogo com a Agroecologia



Tecendo redes: contribuições da teoria ator rede aos circuitos curtos de comercialização agroecológicos

To weave networks: actor-network theory's contributions to agroecological circuits of short commercialization

BENINI, Maria Luiza de Andrade; FRIZO, Bárbara Lellis de Sá; SILVA JÚNIOR Roberto Donato

FCA/Unicamp, malubenini@gmail.com; FCA/Unicamp, barbara.frizo@gmail.com; FCA/UNICAMP, roberto.junior@fca.unicamp.br

Tema gerador: Estratégias Econômicas em Diálogo com a Agroecologia

Resumo

A comercialização de produtos do gênero alimentício em circuitos curtos pode ser analisada à luz da Teoria Ator-Rede, elaborada, entre outros autores, por Bruno Latour. Um circuito curto de comercialização pode parecer agregar menos atores por se tratar de uma cadeia onde se reduzem os intermediários existentes entre o agricultor e o consumidor, mas a partir do momento em que não consideramos uma hierarquia entre humanos e não-humanos e conferimos agência à tecnologias, instituições e objetos, é possível então conceber a existência de uma densa cadeia. Serão considerados, dessa forma, exemplos nos municípios paulistas de Limeira e São Carlos desses circuitos, analisados a partir da teoria de Bruno Latour, apontando assim as contribuições desta perspectiva para o contexto agroecológico, bem como uma contribuição a mais para pensarmos um novo saber-fazer interdisciplinar na agroecologia.

Palavras-chave: Redes sociotécnicas; Abastecimento alimentar; Agroecologia.

Abstract

The commercialization of food products in short circuits can be analyzed in the light of the Actor-Network Theory, elaborated, among others, by Bruno Latour. A short marketing circuit may seem to aggregate fewer actors because it is a chain where the intermediary between the farmer and the consumer is reduced, but once we do not consider a hierarchy between humans and non-humans, and we give agency to the Technologies, institutions and objects, it is possible to conceive the existence of a dense chain. Thus, examples will be considered in the São Paulo municipalities of Limeira and São Carlos of these circuits, analyzed from the theory of Bruno Latour, thus pointing the contributions of this perspective to the agroecological context, as well as an additional contribution to think about a new Interdisciplinary know-how in agroecology.

Keywords: Sociotechnical networks; Food supply; Agroecology.

Introdução

O postulado básico de Bruno Latour (1994), enquanto um dos principais autores da Teoria Ator-Rede (TAR), é de radical simetria entre humanos e não-humanos; uma forma de pensar a sociedade sem cindir-nos entre fato, narrativa e natureza. Sua prerrogativa não hierarquiza, pelo contrário, dá agência a todos os atores os quais se relacionam para formar uma rede sociotécnica da maneira mais igualitária possível. Dessa forma,



com o presente artigo, temos como objetivo explorar a discussão da TAR para o debate conceitual dos circuitos curtos de comercialização, sejam mediados por programas de compras públicas, seja no âmbito de produção de alimentos agroecológicos.

As análises se darão a partir das discussões metodológicas das pesquisas em andamento das autoras, que se utilizam desse arcabouço teórico-metodológico para compreender, de maneiras distintas, a aplicabilidade do que preconiza Latour: *“as redes são ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como a discurso, coletivas como a sociedade”* (LATOURE, 1994, p. 12).

Em uma das propostas de pesquisa o objetivo é traçar uma rede sociotécnica a partir Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no município de Limeira; é narrar como foi essa experiência; e é também perceber quais as relações que se estabeleceram, quais os agentes envolvidos na política pública, para além dos humanos que produzem, fazem a gestão e recebem os alimentos. A outra proposta pretende, a partir de um grupo de CSA (Community Supporter Agriculture), tecer uma rede sociotécnica a fim de compreender se está ocorrendo o processo de transição agroecológica na perspectiva dos consumidores do grupo. A abordagem em ambas proposições utiliza a TAR enquanto teoria e método para compreender os circuitos curtos de comercialização e como um elemento que problematize a já existente interdisciplinaridade na agroecologia, a partir de contribuições da sociologia.

Ao coadunar neste trabalho a metodologia da TAR para assim ser possível traçar redes sociotécnicas a partir de circuitos curtos de comercialização, colocamos como possibilidade para o debate agroecológico esse caminho para a solução de possíveis problemas práticos, imbricados em nossas narrativas e na lida com a própria natureza; na forma como separamos as coisas esperando poder solucionar separadamente. A partir de sua característica intrínseca etnográfica, perceber com as redes como estão relacionados cada um desses agentes não hierarquizados, pode trazer uma contribuição não somente acadêmica.

Tecendo Redes (Metodologia)

Partir da Sociologia relacional para pensarmos as redes e os circuitos curtos de comercialização não encerra tais experiências em inter relações sociais, ou no intercâmbio de elementos materiais somente. O que propomos neste artigo é a possibilidade de analisar os circuitos curtos de comercialização enquanto uma configuração de rede sociotécnica. A partir de Latour, ao inspirar-se pela sociologia das associações de Gabriel Tarde, juntamente com Callon, foi pensada e construída uma perspectiva na qual, pela primeira vez, são incorporados agentes humanos e não humanos enquanto



elementos essenciais para configuração de redes: interação de ser humano, tecnologias, técnicas e organizações. Nesse sentido, Bruno Latour, Michel Callon e John Law apresentam a Teoria Ator Rede (TAR), onde diversos elementos, além dos agentes humanos, como atores externos e elementos naturais, teriam a capacidade de atuar no âmbito do conceito criado de rede. Tais elementos seriam atores actantes, já que agem e permitem-se serem afetados por ações vindas de outros elementos (LATOUR, 2005). Nessa perspectiva, as redes se reconfiguram, incorporando elementos essenciais, como a materialidade, os agentes externos e a própria natureza. A interação desses agentes se faz indispensável, inclusive para o entendimento da ação humana e a estruturação de coletivos. Isso refere-se aos elementos não humanos, que são de grande relevância nas relações cotidianas (CALLON, 2008).

Uma vez explicitada a teoria e a metodologia que nos serve de fundamentação, é preciso colocar qual o conceito de Circuitos Curtos de Comercialização que nos referimos. Conforme Darolt et. al. (2013), não há uma definição oficial, porém, entende-se que é um processo de aproximação entre produtores e consumidores. Na França, o termo é utilizado para modelos que tenham no máximo um intermediário entre produtores e consumidores. Há divergências neste entendimento para o caso Brasileiro, de acordo com Guzzati et. al. (2014) este conceito está interligado com as políticas públicas de aquisição de alimentos para mercados institucionais, contudo, o autor compreende o enquadramento das feiras neste conceito.

Apesar da indefinição conceitual, os circuitos curtos de comercialização dentro do contexto agroecológico são comumente reconhecidos por serem alternativas de comercialização para agricultores familiares e de base agroecológica, representando-se relevantes para estes atores já que possibilitam a diminuição dos atravessadores dentro da cadeia de comercialização. No âmbito de pequenos agricultores, o encurtamento destas cadeias permite a aproximação do agricultor com o seu consumidor e a autonomia do agricultor, já que ele passa a gerir toda a sua cadeia de produção. Mais do que isso, estes circuitos são apropriados ao tipo de produção destes pequenos agricultores, já que diferentemente da produção agrícola latifundiária, são de grande biodiversidade e pequena escala. Por conta destas características, a produção da agricultura familiar e agroecológica não se adequa às grandes cadeias de comercialização, que demandam escala e constância e padrões de produção.

Assim, com os dois casos que servem de referência, propomos a possibilidade de se tecer redes sociotécnicas a partir dos circuitos curtos, no entanto, quais aspectos, para o fortalecimento da agroecologia, poderá se derivar deste entendimento?



Emaranhando as Teias (Discussão)

A partir do tensionamento que estabelecemos acima entre a TAR e essa modalidade específica de comercialização de alimentos, colocamos o debate nos dois casos de investigação: um programa de compras públicas no município de Limeira e um CSA em São Carlos, exemplos se configuram, reconhecidamente, enquanto uns circuitos curtos de comercialização, conforme apresentado por Guzzati et. al. (2014) e Darolt et. al. (2013). Em ambos, ao trabalhar com a ótica da TAR, enquanto teoria e método, é possível observar uma pluralidade de agentes que comumente não incorporam outros tipos de análise. Para a realidade do produtor de agricultura familiar em questão é de grande importância considerar as instâncias de poder envolvidas em todo o processo de efetivação da política, as ferramentas que utiliza em seu trabalho e os próprios alimentos produzidos; tudo é muito circunstancial e conjuntural, mas também de mesma importância e com agência no processo, tanto quanto os humanos engendrados; com o CSA, a cadeia que é possível tecer transcende também as pessoas envolvidas ou na produção ou no consumo, o caráter técnico é de extrema importância, mas sempre em relação à conjuntura de análise.

O computador, a enxada, o trator, os produtos agrícolas e o grupo de consumo (entre outros) vistos como elementos isolados contam a história de maneira assimétrica. O destaque aqui se faz no engendramento dos diferentes níveis que a TAR abarca, com configurações sociotécnicas específicas a partir da relação que cada um desses agentes estabelecem entre si.

Em oposição ao movimento global de homogeneização da agricultura, também com técnicas, instituições e pessoas atuando em uma rede muito maior, em ambos os casos aqui utilizados para a construção do argumento temos um diálogo forte com a agroecologia. A pluralidade dos atores que compõem essa vertente de estudos/ movimento social é multidisciplinar, uma vez que coloca várias áreas do conhecimento se debruçando sobre o tema. No entanto, o que queremos colocar como potencialidade de metodologia da TAR é a construção de um novo saber-fazer interdisciplinar dentro da própria agroecologia, a partir da discussão com os circuitos curtos de comercialização.

Horizonte em Expansão (Conclusão)

Apesar da relevância dos circuitos curtos de comercialização no contexto da agricultura familiar e agroecológica e da consolidação das ideias pela TAR, a articulação destas duas propostas não tem ocorrido dentro dos debates acadêmicos. De um lado, os circuitos apresentados que se concretizam de forma prática, entrelaçando agricultores, produtos agrícolas, consumidores, valores financeiros, entre outros e onde cada um



desses elementos se configuram enquanto agentes sobre a própria rede, pautando como se dará a organização desta iniciativa. Do outro lado, a TAR, uma proposta metodológica significativa para o entendimento das teias contemporâneas.

Ao encarmos os circuitos curtos de comercialização pela ótica da TAR podemos nos fundamentar com argumentos para enfrentar dificuldades que estes grupos encontram nas práticas diárias. Isto porque a partir desta teoria consumidores, agricultores e gestores poderão compreender que fazem parte de uma trama complexa de elementos humanos e não humanos que agenciam e pautam a organização e funcionamento do grupo. Contribuindo para fundamentar e intensificar assim as discussões sobre redes de comercialização dentro do contexto agroecológico.

Por fim, um último destaque de contribuição da TAR é relacionado a interdisciplinaridade. Para o contexto agroecológico colocamos a possibilidade de um novo saber-fazer, que agregue metodologias diferentes, de diferentes áreas de conhecimento, para que de fato integrem-se o “social, factual e narrado”.

Referências bibliográfica

CALLON, M. Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos: depoimento [jan/jun de 2008]. Porto Alegre: **Sociologias**, a.10, n.19. Entrevista concedida à Antonio Arello Hernández e Ivan da Costa Marques

DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDEMBURG, A. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agrícolas**, v. 10, n. 2, p. 08-13, jun. 2013.

GUZZATI, T. C.; SAMPAIO, C. A. C.; TURNES, V. A. **Nova Relação entre Agricultores Familiares e Consumidores: Perspectivas Recentes no Brasil e na França**. Revista Organizações Rurais e Agroindustriais, v. 16, n. 3, p. 363-375. 2014.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, B. **Reensamblar lo social: Una introducción a la teoría del actor-rede**. Buenos Aires: Editora Manantial, 2005.